



ANTONIO JOÃO

Vapor

Incorporação: 22 de junho de 1858.

Baixa: 23 de outubro de 1907.

A 22 de junho de 1858, o Governo Imperial brasileiro firmou com o cidadão José Antônio Soares um contrato para navegação no Rio Paraguai e seus afluentes até a Cidade de Cuiabá (MT). A Companhia Nacional de Navegação a vapor, então organizada, obrigou-se a manter uma viagem mensal a partir de Montevidéu, Uruguai. Como auxílio à empresa, o Governo concedeu-lhe uma subvenção de 25 contos de réis por viagem redonda, além dos terrenos gratuitos para seus depósitos e armazéns. O material flutuante constava de quatro vapores: *Marquês de Olinda*, *Conselheiro Paranhos*, *Visconde de Ipanema* e *Cuiabá*.

A partida do primeiro navio do Porto de Montevidéu, o *Marquês de Olinda*, realizou-se a 27 de novembro de 1859, encontrando-se em Corumbá com o Vapor *Conselheiro Paranhos*. Este era construído de ferro, deslocava 90 toneladas, era de caixa de rodas, de uma chaminé, desenvolvendo sua máquina a força de 40 cv. Tinha de comprimento 88 pés; de boca 16 pés; 6 pés de pontal e 3,5 pés de calado a vante e 4,5 pés a ré. Foi artilhado com duas peças de calibre 4, e guarnecido por 12 oficiais e 51 praças.

Em consequência do rompimento da Guerra contra o Governo do Paraguai, o Presidente da Província de Mato Grosso Dr. Couto de Magalhães, autorizado pelo Governo Imperial, comprou, em 1865, à referida Companhia de Navegação o Vapor *Conselheiro Paranhos* que, armado em guerra, foi incorporado à Flotilha daquela província com o nome de *Antônio João*. Este nome foi tomado do Tenente Antônio João Ribeiro, morto à frente do destacamento que guarnecia a Colônia Militar de Dourados, em Mato Grosso, atacada por uma Força paraguaia de 250 homens, sob o Comando do Capitão Urbietta, em 29 de dezembro de 1864. Nasceu Antônio João na Vila de Poconé, filho de outro de igual nome e de D. Rita de Campos Maciel. Ao pressentir a aproximação do inimigo, escreveu a lápis um bilhete ao seu superior hierárquico, Tenente-Coronel Dias da Silva, estacionado em Nioac, dando-lhe aviso da



invasão. Nesse bilhete leem-se as seguintes palavras: “Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha Pátria”. Morreu acompanhado de seus doze companheiros. Memorando esse épico episódio, escreveu Álvaro Reis o soneto abaixo:

ANTÔNIO JOÃO

Comandava esse bravo a Colônia de Dourados;
E ao saber que invadira as fronteiras um troço
De Força paraguaia, ao povo em alvoroço
Garante defender os lares ameaçados.

O êxodo protegendo, o impávido colosso
Ficaria ali, com mais quinze denodados!
E em missão arriscada envia um dos soldados
A anunciar a invasão do sul de Mato Grosso.

Vendo ao longe sumir-se o último retirante,
Volta à colônia, e forma os quinze, e alto lhes brada
Preparai-vos a prova heroica e edificante!

Com duzentos e mais, Urbietta em fúria vinha...
Dá-se o embate medonho. E tombam na estacada
Os dezesseis titãs estendidos em linha!

Os paraguaios ocupavam desde janeiro de 1865, a Praça de Corumbá. A 15 de maio, em Igaritês, embarcava em Cuiabá a vanguarda do Segundo Corpo de Operações de Mato Grosso, destinada a atacar a praça referida. Eram 400 homens do Exército, Guarda Nacional e Voluntários. Os Igaritês eram escoltados pelos Vapores de Guerra *Antonio João*, *Alfa*,



Corumbá, Cuiabazinho e Jauru. A tropa desembarcou no Rio Negrinho, internou-se pelos pantanais, surgindo abaixo de Corumbá. A 13 de junho é tomada de assalto essa Vila. Do Alegre, voltaram os navios para receber o resto das Forças, mas, como reinasse entre elas a varíola, o Presidente da Província deu ordem de retirada, que foi feita sob a proteção do Vapor de Guerra *Antônio João* que, acompanhado do *Jauru*, rebocou as embarcações.

Em Alegre, na margem esquerda do Rio São Lourenço, fez alto a expedição para carnear, atracando pelas 13 h de 11 de julho do dito ano, o *Jauru*, que rebocava as embarcações com os variolosos, na margem direita, e o *Antônio João*, sob o Comando do bravo Capitão-Tenente Balduino Ferreira de Aguiar, na margem esquerda. Pelas 15 h, avistou-se por cima do mato uma fumaça de navio que subia o rio. Mal foi dado o alarme, eis que surge na volta do rio o Vapor inimigo *Salto del Guairá*, artilhado com quatro peças e guarnecido de 95 praças. Fustigado incontinentemente pelo fogo do *Antônio João* e pela fuzilaria dos infantess, atira-se ao *Jauru*, cuja pequena guarnição saltou em terra, tendo o maquinista a feliz ideia de carregar consigo a alavanca que dava movimento à máquina. Vendo-se em perigo, com o costado todo esburacado, o *Salto* seguiu para cima, a fim de, com segurança, poder dar volta, regressando a toda força e com o bordo direito inclinado talvez para mais de 20° de modo que da margem esquerda não se podia avistar um só homem. Restava o *Jauru*, guarnecido por paraguaios, já imobilizado. O comandante do *Antônio João* requisitou força para ir dar-lhe abordagem, embarcando uma companhia. Retomar o *Jauru* foi coisa de momento, ficando prisioneiros o oficial e marinheiros nele encontrados. Portaram-se bravamente o Guardião Manoel de Jesus, que mestrava o navio, o Carpinteiro do Arsenal Herculano José de Oliveira, o Furriel de Marinha Antônio de Souza Benevides, Chefe do rodízio de ré, o Cabo Marinheiro Antônio Antunes Maciel, o Fiel Cyriaco Paes da Costa, os Imperiais Marinheiros Ladislau Alves da Cunha (que servia de práctico) e Gregório Dias, timoneiro, o Segundo Maquinista Antônio Henrique de Araújo Maia e os Criados Marinheiros Marcolino Buty e Malaquias Pereira da Conceição. Morreu o Imperial Marinheiro de primeira-classe Ricardo José Rodrigues e foi ferido gravemente o Imperial Marinheiro Paulo Paes de Moraes em ambas as coxas.



Foram extraviados o Primeiro Maquinista Lourenço Isidoro dos Santos, os Foguistas Francisco de Assis e Furtado Muyra, o Voluntário Francisco de Mello e o Imperial Marinheiro Bernardino de tal. Em fevereiro de 1869, encontrava-se o *Antônio João* em Cuiabá, fazendo parte da Flotilha comandada pelo Capitão de Fragata Antônio Cláudio Soído. Seguiu para Fecho dos Morros sob o comando do Primeiro-Tenente Pedro Daud Durocher.

A 3 de março de 1869, ancorava o *Antônio João* no Porto de Assunção, levando uma comissão de oficiais de mar e terra incumbida de cumprimentar, em nome da Província de Mato Grosso os comandantes da Esquadra e do Exército em Operações. Os oficiais da Armada eram o Capitão de Fragata A. Cláudio Soído e os Primeiros-Tenentes Fellipe Orlando Schort e Antônio Joaquim Moreira Marques.

A 27 de junho de 1874, o *Antônio João*, embandeirado em arco, levantou âncora de Cuiabá e, aclamado pela multidão, singrou águas abaixo levando para a capela do Forte de Coimbra a imagem de Nossa Senhora do Carmo que, em dezembro de 1864, por ocasião do abandono daquela praça de guerra, fora dali tirada pela esposa do Coronel Porto Carrero. Em junho de 1881, ainda se encontrava em Mato Grosso. A 10 de dezembro de 1890, foram recolhidos a seu bordo, por ordem do governador do Estado, o atrabiliário General Antônio Maria Coelho e vários presos políticos.

A 19 de abril de 1892, o Coronel Luiz Benedicto Pereira Leite, vindo de Corumbá, reassume a Presidência do Estado em Cuiabá e instala o seu governo a bordo do *Antônio João*. Em face dessa atitude, a Junta Governativa declarou-se dissolvida. A 27 de abril, pelas 11 horas, o *Antônio João* sob o comando do Primeiro-Tenente Rodolpho Lopes da Cruz, levanta âncora com destino a Ladário levando a seu bordo o presidente acima. Antes da partida, todavia, o referido comandante faz espalhar um avulso explicativo de sua atitude. O *Antônio João* foi mandado armar pelo Aviso de 29 de janeiro de 1903. Teve baixa pelo Aviso de 23 de outubro de 1907.